

dos documentos de arquivo, sobretudo para estudos de natureza histórica e sociológica. Em mais do que uma comunicação se colocou o imperativo de contextualizar a produção dos documentos sob risco de extrapolar informações neles contidas e delas fazer um uso acrítico.

Esta publicação constitui, por isso, um instrumento de trabalho de utilidade e interesse inegáveis para quem trabalha e utiliza os arquivos ainda que, ocasionalmente, a qualidade possa parecer menos equilibrada.

Ana Cannas

Olhares cruzados entre arquivistas e historiadores: mesas-redondas na Torre do Tombo. [Lisboa]: Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, 2004. 176 p.



LA SAGESSE DU BIBLIOTHECAIRE

O autor Michel Melot, bibliotecário francês de renome que exerce actualmente as suas funções na Subdirecção do Inventário Geral e da Documentação do Património (Ministério da Cultura – França), escreveu, a convite da editora L'oeil neuf, um livro acerca da profissão de bibliotecário que se insere na colecção *La sagesse d'un métier* (a sabedoria

de uma profissão), cuja intenção é apresentar aos leitores uma visão de várias profissões, como por exemplo as de jardineiro, oleiro, médico, etc. Assim, o livro *La sagesse du bibliothécaire* apresenta-se como um convite para um percurso iniciático à descoberta de uma profissão: a de bibliotecário.

No meio de referências a grandes autores e filósofos, como Michelet, Kant, Foucault e muitos outros, Michel Melot guia o leitor no mundo do bibliotecário através de sete capítulos, cada um representando uma parcela desse mundo com títulos apelativos (*Como um marinheiro no oceano, A feliz incompletude*, etc.)

O primeiro capítulo aborda a ambiguidade e o paradoxo dessa profissão. O bibliotecário debate-se, por um lado, entre o sector da edição e as suas preocupações financeiras, e o bem-estar e as necessidades dos seus leitores, por outro; ele encontra-se no meio de uma censura interna, via a selecção que ele opera sobre os livros a adquirir e de uma externa, via os poderes públicos e políticos, por exemplo; acaba num dilema face à classificação e indexação dos livros, tendo o poder de os esconder ou realçar aos olhos dos leitores, aquando do seu tratamento. Para o autor, em certas circunstâncias o bibliotecário pode revelar-se quer um sábio quer um louco.

No segundo capítulo, Melot escreve sobre a biblioteca enquanto lugar. Descreve a diversidade dos seus suportes e em que medida «a biblioteca acolhe todos os signos» (p. 35) – música, palavra, alfabeto, pixel, etc. – e expõe a diversidade das razões que existem para a frequentar. Para ele, pouco importa como a nomeamos (centro de recursos, mediateca, etc.) a biblioteca é «o lugar das ligações» (p. 37), onde se encontram pessoas e saberes. Contudo, a biblioteca nunca chegará a ser a detentora do saber absoluto.

Trata-se, no terceiro capítulo, da temática do livro nos seus diversos aspectos, passando do livro como objecto sagrado até ao livro versus texto,

e do sucesso do livro, enquanto suporte, graças à sua forma (folhetos que constituem cadernos e cadernos que constituem livros) ao eterno debate sobre o desaparecimento do livro.

No quarto capítulo, o autor aborda a arquitectura das bibliotecas. Para Melot, nunca existiu uma forma arquitectónica única e própria às bibliotecas através os tempos. A biblioteca passou de "depósito de livros", onde os livros eram arrumados contra as paredes, a lugares públicos, onde a arquitectura permite o encontro dos leitores com os livros. Debate ainda sobre o papel das bibliotecas nacionais através da sua arquitectura, nomeadamente no caso da Biblioteca Nacional de França; argumenta que a arquitectura das bibliotecas é ligada às suas políticas: conservar *versus* comunicar e que esta passou de uma estrutura em polígono para uma estrutura em redes.

O quinto capítulo explica os diferentes modelos de bibliotecas. Assim, constata-se que existem diferentes estruturas e serviços nas bibliotecas espalhadas no mundo e que não existe um modelo único de biblioteca, até porque as "fundações culturais" de cada país não o permitem, dando como referência os contrastes entre o modelo anglo-saxónico e o francês.

Melot aborda a classificação no sexto capítulo e diz-nos que «o nosso mundo tem a loucura do arquivo; ele fixa, classifica, e conserva tudo o que é possível ser conservado» (p. 89). Ou seja, todas as áreas do conhecimento classificaram e criaram desde sempre "bibliotecas" enquanto inventários e, por essa via, a biblioteca, enquanto lugar, consegue reunir "o mundo inteiro" sob a forma a mais compacta possível através dos seus livros.

Por fim, no último e sétimo capítulo, o autor define a profissão de bibliotecário e, em forma de conclusão, afirma que a sabedoria do bibliotecário se deve à sua discrição.

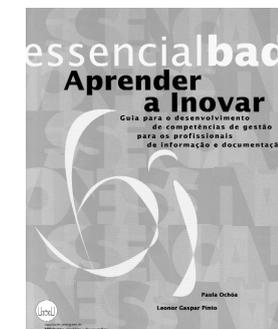
Afinal, Michel Melot destila um discurso ético sobre esta profissão por um lado simples e por outro profundo, o que permite uma leitura a dois níveis: o primeiro, o mais simples, para o público em geral dando-lhes a possibilidade de conhecer esta profissão muitas vezes desconhecida ou mal interpretada, e o segundo, o mais profundo, para os técnicos desta área dando-lhes a possibilidade de reflectir sobre a sua profissão.

Sandrine Vercaempt

MELOT, Michel – *La sagesse du bibliothécaire*.

Paris: L'oeil neuf, 2004. 109 p.

ISBN 2-915543-03-8



APRENDER A INOVAR – GUIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS DE GESTÃO PARA OS PROFISSIONAIS DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO

A obra em análise, elaborada por Paula Ochoa e Leonor Gaspar Pinto, duas autoras que desde há muito se dedicam